

## **COLORINDO O CAMPO: A DIVERSIDADE SEXUAL NO ESPAÇO RURAL**

Autor<sup>1</sup> Jean Claude de Souza Gomes; Co-autor<sup>2</sup> João Paulo Teixeira Viana; Co-autor<sup>3</sup> Rebecka de França; Orientadora<sup>4</sup> Maria Cristina Cavalcanti de Araújo

*Autor<sup>1</sup> Instituto Federal do Rio Grande do Norte (CNAT-IFRN-jeanclaude.14@hotmail.com); Autor<sup>2</sup> Instituto Federal do Rio Grande do Norte (CNAT-IFRN-jpviana25@yahoo.com); Autor<sup>3</sup> Instituto Federal do Rio Grande do Norte (CNAT-IFRN-atranspareciarn@hotmail.com); Orientadora<sup>4</sup> Docente do Instituto Federal do Rio Grande do Norte (CNAT-IFRN-cristina.cavalcanti@ifrn.edu.br).*

### **Resumo**

O presente artigo tem como objetivo expor como se concebe a relação da diversidade sexual e de gênero no campo. O mesmo trará uma reflexão conceitual acerca da temática em zona rural, bem como expor a situação atual acerca da LGBTFOBIA no campo e quais as perspectivas futuras. Como procedimentos metodológicos o trabalho foi construído por meio de pesquisa bibliográfica em obras, artigos e anais correlacionados a temática. O trabalho se justifica pela necessidade de estudos ligados à temática LGBT no que tange o processo campo-cidade, com a finalidade de analisar as dicotomias ocorridas neste espaço, além disso, é necessário enaltecer estudos que tenham esta temática, pois é bastante escasso na academia. Como conclusão final o que se pode constata é que não há avanços nas discussões relacionadas à diversidade sexual e gênero.

**Palavras-chave:** Diversidade Sexual, Gênero, Campo, LGBTFOBIA, Rural.

### **INTRODUÇÃO**

(...)  
E a vida segue.  
Muitas morrem, outras nascem cada vez  
mais novas.  
E assim elas vão, desviando dos tiros,  
esbarrando no preconceito, correndo da  
polícia.  
Mas sempre com um batom nos lábios, um  
belo salto nos pés  
e na maioria das vezes um vazio no coração.  
Ela não precisa de redenção.  
Rafael Menezes.

(História de todas nós)

O campo enquanto espaço tem sentido os avanços globais e tecnológicos dos últimos séculos. Porém é notório frisar que o âmbito rural apesar dos avanços e transformações ligadas a produção agrícola, ainda possui uma perspectiva atrasada em relação às questões sociais em especial a diversidade sexual e gênero.

O mesmo tem se tornado espaço de desigualdade, onde é perceptível há a separação de gêneros sem a defesa da igualdade, a não aceitação da identidade de gênero e uma cultura voltada ao patriarcalismo.

Neste sentido, o presente trabalho tem como um dos seus principais objetivos expor como se dá à relação de diversidade sexual e gênero no campo, em especial a aceitação da comunidade LGBT bem como os fatores de discriminação e violência sofridos por esta população mesmo com pouca pesquisa, referencial teórico e trabalhos acadêmicos relacionados à temática.

O artigo tem como coparticipação o projeto de pesquisa do IFRN intitulado de LGBTFOBIA, Violência, Preconceito e Discriminação: Mapeando A Violência Contra Pessoas LGBT'S No Rio Grande do Norte que objetiva mapear os crimes e violência à população LGBT do RN no campo e na cidade. Como procedimentos metodológicos foi realizado pesquisa documental e bibliográfica em obras, artigos e anais, bem como pesquisas em sites para levantamento de dados sobre a temática.

## **REFLEXÃO CONCEITUAL ACERCA DA DIVERSIDADE SEXUAL E GÊNERO**

Pretende-se aqui apresentar os conceitos e discussões teóricas acerca de gênero e diversidade sexual onde os mesmos serão fundamentais para compreensão das relações do campo com a diversidade sexual.

Quando falamos em diversidade sexual devemos refletir como um termo usado para caracterizar toda a diversidade de sexos, identidade de gênero e orientações sexuais onde não é preciso deixar explícito cada uma das identidades que definem a pluralidade. Junqueira (2009) ao explicar diversidade desmistifica lugares comuns, estereótipos e preconceitos. Ela nos faz avançar criticamente em relação a nós mesmos.

Nesse mesmo contexto Junqueira (2009) ao tratar a diversidade sexual afirma:

Ainda que a questão da diversidade sexual faz menção a um conjunto dinâmico, plural e múltiplo de práticas a qual estão intimamente relacionadas a vivências, prazeres e desejos sexuais, vinculados a processos que se (re) configuram por meio de representações,

(83) 3322.3222

[contato@enlacandosexualidades.com.br](mailto:contato@enlacandosexualidades.com.br)

[www.enlacandosexualidades.com.br](http://www.enlacandosexualidades.com.br)

manifestações e afirmações indenitárias, geralmente objetivadas termos de identidades, preferências, orientações e expressões sexuais e de gênero. (JUNQUEIRA, 2009, p.10)

Dessa forma é importante notar que a diversidade sexual está associada também as questões de gênero, bem como as mais variadas possibilidades de orientação sexual, como: gays, lésbicas bissexuais, travestis, transexuais e transgênicos. Em relação ao gênero podemos relacionar o tema aos diferentes papéis sociais para homens e mulheres, Louro (1997) concebe os conceitos gênero no plural em uma de suas obras, faz uma leitura histórica da educação sob a perspectiva de gênero, explicita que o gênero trata-se de uma construção social e histórica de sujeitos femininos e masculinos. Já Para Joan Scott (1995) o mesmo defini o gênero afirmando que:

Minha definição de gênero tem duas partes e duas subconjuntos, que estão inter-relacionados, mas devem ser analiticamente diferenciados. O núcleo definição repousa numa conexão integral entre duas proposições: (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações entre os sexos. (SCOTT, 1995, p.86).

Sendo assim, o gênero pode ser caracterizado como um fator relacionado à convivência social, construído culturalmente, ancorado nos discursos das diferenças biológicas entre os sexos. Como afirma Meyer (2010):

As abordagens feministas pós-estruturalistas se afastam daquelas vertentes que tratam o corpo como uma entidade biológica universal (apresentada 203 como origem das diferenças entre homens e mulheres, ou como superfícies sobre a qual a cultura opera para produzir desigualdades) para teorizá-lo como construto sociocultural e lingüístico, produto e efeito de relações de poder. Nesse contexto, o conceito de gênero passa a englobar todas as formas de construção social, cultural e lingüística implicadas com os processos que diferenciam mulheres de homens, incluindo aqueles processos que incluem seus corpos, distinguindo-os e separando-os como corpos dotados de sexo, gênero e sexualidade. (MEYER, 2010, p. 16).

Desta forma temos que destaca que a questão do gênero e diversidade sexual tem estado presente nas relações de desigualdade e preconceito, onde uma grande parcela da sociedade está sujeita aos velhos discursos onde a figura masculina, sempre caracterizado, como o forte dominante dando-lhe poderes ao mundo enquanto e a mulher, restou-lhe a inferiorizarão.

Para ela, o aprisionamento do lar, a funções estritamente reprodutivas e domésticas. Vale salientar também a alienação acerca da identidade de gênero onde há apenas duas nomenclaturas onde segundo o conservadorismo homem nasce homem e mulher nasce mulher deixando explicito que não existe possibilidades para escolha de gênero e orientação sexual.

## **ANALISANDO A DIVERSIDADE SEXUAL NO CAMPO**

(83) 3322.3222

[contato@enlacandosexualidades.com.br](mailto:contato@enlacandosexualidades.com.br)

[www.enlacandosexualidades.com.br](http://www.enlacandosexualidades.com.br)

A temática da diversidade sexual no campo ainda encontra-se estagnada, fato este comprovado pela pouca falta de informação da população que vive em zonas rurais uma grande parte não tem acesso às mídias sociais, possuem pouco conhecimento e não sabem lidar com as novas identidades de gênero.

Vale ressaltar que o campo sendo caracterizado como uma região não urbanizada apresenta um discurso conservador e repressor em contraponto à cidade um ambiente urbanizando onde a cidade apresenta-se um lugar de liberdade e anonimato, favorecendo o fortalecimento das identidades de gêneros e quebrado as barreiras impostas às diferenciações de gênero. Paiva (2015) ao conceber o campo como ambiente conservado afirma que:

Longe de ser uma percepção preconceituosa ao denominar a zona rural como um ambiente conservador de seus valores e opressor de práticas divergentes, a afirmativa tem por base a apreensão da conjuntura cultural, social, política e econômica. Sendo assim esses valores foram enraizados a esse espaço sem ser possível a aceitação de novas concepções. (PAIVA,2015, p.3)

Com relação à pesquisa bibliográfica foi notório observar que a maior parte dos artigos e textos analisados estão voltados para organização social aos aspectos econômicos do modo de vida no campo, ora voltados para as questões morais relacionados a família e seus arranjos familiares camponeses.

Quando falado em gênero foi possível observar que quase sempre está relacionado quase sempre à forma da mulher trabalhadora, militante ou dos papéis familiares. Segundo Ferreira (2006) A sexualidade (a) parece relegada à vida urbana: o tal “indizível das sociedades camponesas” Ferreira faz uma análise onde o mesmo vê o homem do campo como um “Ser” previsível que vive em função do trabalho, da família, da religião e da comunidade.

Nesse modelo, não há espaço para a alegria, para o desejo e suas múltiplas manifestações de sexualidade, para o gozo; em resumo, para as ações estratégicas do corpo desejam-te e desejado que não podem ser apreendidas pelas estruturas. Só o explícito pode ser dito. Só o imaginário instituído. Nada de mostrar o implícito, o indizível. Só aquilo que se enquadra no pensamento selvagem, que resume as categorias de pensamento à sua condição binária.

A partir do contexto apresentado é importante destacar que mesmo com os avanços globais atrelados ao campo ainda é perceptível um atraso no debate acerca da diversidade sexual e de gênero.

## **LGBTFOBIA DA CIDADE AO CAMPO**

“Eu ouvia a mãe dizer:  
Ai meu Deus como eu queria  
Que essa cabra fosse home  
Cabra macho prá danar”  
(Homem com H - Ney Matogrosso).

Ao falar em diversidade sexual é importante ressaltar os estudos e discussões acerca da população LGBT que segundo Jesus (2012) caracteriza o termo (LGBT) como Acrônimo de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. Dessa maneira estes conceitos estão diretamente relacionados à identidade de gênero onde há a quebra da dicotomia de que existem apenas os conceitos de Homem e Mulher termos usados para diferenciação de gênero. Em relação à LGBTFOBIA é caracterizado como qualquer preconceito, aversão, violência, física e verbal aos membros da comunidade LGBT.

As estatísticas que envolvem as pessoas LGBTs são desestimulantes, pois, segundo a Rede Trans (2016), em todo o país, foram contabilizados, só em 2016, cerca de 143 assassinatos, 52 tentativas de assassinatos, 12 casos de suicídios e 54 violações a direitos humanos, violências estas quase sempre ocultadas pela mídia e negligenciada pelos governos municipais, estaduais e federal. Segundo o Relatório sobre Violência Homofóbica no Brasil, de 2012, “o homicídio é apenas uma das violências entre uma constelação de outras consideradas ‘menores’, como discriminações e agressões verbais e físicas dos mais variados tipos”.

Cabral ao falar sobre LGBTFOBIA afirma que:

A violência apresenta-se estruturada sobre quatro categorias de violência sendo elas, a física, correspondente a toda manifestação com o objetivo de ferir; violência psicológica, caracterizada pela humilhação, desrespeito, rejeição, entre outros; violência sexual, quando o agressor abusa de seu poder sobre a vítima na obtenção da gratificação sexual, sem o consentimento da vítima; e negligência, que é a omissão do responsável em proporcionar as necessidades básicas de seu dependente (CABRAL *et al*, 2013, p. 122).

No entanto, só ganha certa relevância na mídia quando envolve assassinato e, mesmo assim, nem sempre tipificado como violência contra gênero ou LGBTfobia. Com relação ao campo falar em LGBT ou LGBTfobia ainda é uma barreira a ser rompido já que nem sempre a comunidade local tem conhecimento suficiente para entender esses conceitos, conforme afirma Paiva (2015) desde a tênue infância, crianças convivem cotidianamente ouvindo expressões como viados, boiolas, baitolas, bichas, frescos, etc.

Maria N. Wanderley (2009) ao falar sobre diversidade sexual na juventude rural afirma que:

É necessário levar em consideração o espaço de sociabilidade no qual se insere a mesma apresenta características específicas das comunidades rurais, em que predomina a agricultura familiar, entre elas: 1) São sociedades do interconhecimento, ou seja, todos (as) se conhecem e as relações sociais são bastante densas; 2) Têm uma tradição passada de geração a geração, pois a preocupação com as gerações futuras não se limita aos bens materiais, mas também aos bens culturais. Desta forma, o (a) jovem do campo está circunscrito (a) por uma teia de densas relações entre a casa (família) e a vizinhança (comunidade), localizado (a) entre o passado e o presente das tradições familiares. É um (a) jovem “multifacetário (a) que pode ser portador, ao mesmo tempo e paradoxalmente, de um ideal de ruptura e de continuidade do mundo rural” (WANDERLEY, 2007, p. 24).

Dessa forma a uma rejeição e repúdio a essas pessoas. Diferente do ambiente urbano da cidade que exprime liberdade o espaço rural aprisiona aqueles que lutam pela sua busca da sua identidade de gênero ou orientação sexual, já que no campo as relações sociais são mais intensas entre todas as pessoas da comunidade.

O que gera nesses ambientes um controle social que como consequência reprime e exclui qualquer pessoa que viva fora dos padrões conservadores do local. Em relação aos crimes esses não são expostos na mídia o que dificulta a exposição dos dados da LGBTfobia no campo, muitas vezes esses crimes são cometidos pelos próprios familiares em especial a figura paterna que carga dentro de si um discurso conservador onde homem nasce homem e mulher nasce mulher. E a vítima por não ter conhecimento das leis e termologias como LGBTfobia, homofobia e transfobia acaba não formalizando a denúncia.

Diferente da cidade o campo ainda não é assistido pelas políticas públicas, programas e ações criados pelos governos federais, estaduais e municipais que procuram amenizar parcialmente esses crimes contra a população LGBT. Em suma é perceptível que ainda pouco são os discursos e pesquisas sobre a temática, a certa dificuldade na coleta de dados o que se apresenta como um fator preocupante já que muitos são mortos em silêncio no campo e na cidade.

## **O PROJETO DE PESQUISA: MAPENADO A LGBTFOBIA EM MUNICIPIOS DA ZONA RURAL DO RN**

Partindo das discussões proposta e da importância do estudo da diversidade sexual no campo o presente artigo faz uma alerta a questão da LGBTfobia. Sendo assim o mesmo tem como coparticipação o projeto de pesquisa do IFRN (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande Do Norte) campus Natal central intitulado de LGBTFOBIA, VIOLÊNCIA, PRECONCEITO E DISCRIMINAÇÃO: MAPEANDO A VIOLÊNCIA CONTRA PESSOAS

LGBT's NO RIO GRANDE DO NORTE que tem como um dos seus objetivos mapear as condutas criminais, referenciadas em estatísticas de suicídios, violências diárias e violação de direitos da população trans. e LGBT, no Rio Grande do Norte nas zonas urbanas e rurais.

Onde desta forma, se torna relevante identificar à violência sofrida por essas pessoas, mapeando os locais onde acontecem e traçando o perfil da população como forma de contribuir para a formulação de políticas públicas voltadas para a população LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais e Transexuais).

A partir dos números levantados futuramente pela pesquisa será possível à coleta de dados onde só assim teremos um quadro relevante da violência contra LGBT's na população que residem em zonas rurais do RN.

Esses dados serão coletados por meio de questionários on-line como também em visita a campo com a realização de eventos para população, nas zonas rurais a uma preocupação quanto aos meios digitais, porém a um planejamento para que ocorra a aplicação direta com a população.

A partir das considerações aqui feitas, o objetivo deste projeto é contabilizar e mapear as condutas criminais, referenciadas em estatísticas de suicídios, violências diárias e violação de direitos da população trans., no Rio Grande do Norte.

Para alcançá-lo se definiu como objetivos específicos: Sistematizar os dados sobre violências LGBTfobia no Rio Grande do Norte; Cartografar as áreas de violências da população LGBT no Rio Grande do Norte; Dar visibilidade sobre a violência contra a população LGBT; traçar o perfil da população LGBT sobre violências no Rio Grande do Norte; contribuir nas reflexões sobre gênero, LGBTfobia, violência, preconceito e discriminação.

O projeto estará finalizado no ano de 2017 onde será possível no ano (2018) seguinte a construção de um grande mapa e a formulação e tabulação de dados com os números de crimes contra LGBT's. O projeto viabilizara os dados acerca da LGBTFOBIA no campo e na cidade o que vai constatar o quanto a zona rural está aprisionada aos discursos conservadores e excludentes.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS:**

Depreende-se que o campo avançou bastante nos aspectos ligados à mecanização, produção econômica e expansão territorial, no entanto quando falamos em questões sociais, gênero e diversidade sexual o campo ainda está em processo de estagnação.

A identidade dita contraditória, pelo menos na zona rural, pode ser entendida pela ligação dos comportamentos e atitudes aos espaços bem como às formas de sociabilidade, que dependendo das circunstâncias adotam uma identificação aceitável, porém sem deixar de usufruir dos variados prazeres que a vida tem a proporcionar.

Ao se tratar da violência e aceitação da população LGBT o que se tem são crimes silenciosos onde não há repercussão na mídia, nem números exatos que caracterizem esses crimes.

O presente artigo faz uma alerta para o assunto e espera que junto com o projeto de pesquisa do IFRN, possa trazer à tona os números da LGBTFOBIA em zonas rurais do RN para que assim ações e projetos sejam desenvolvidos e o campo enfim seja colorido.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

CABRAL, Vinicius. ORNAT, Marcio J. SILVA, Joseli M. As relações entre espaço, violência e a vivência travesti na cidade de Ponta Grossa – Paraná - Brasil. **Caderno Prudentino de Geografia**, Presidente Prudente, n.35, Volume Especial, p.118-135, 2013.

FERREIRA, P. R. **Os Afectos Mal-Ditos: o indizível das sociedades camponesas**. 2006. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em antropologia social FERREIRA, Paulo Rogers da Silva. Os afectos mal-ditos: o indizível das sexualidades camponesas. 2006. 173 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia)-Universidade de Brasília, Brasília, 2006.

JESUS, Jaqueline Gomes **ORIENTAÇÕES SOBRE IDENTIDADE DE GÊNERO: CONCEITOS E TERMOS Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião Brasília** Abril, 2012 Social, Universidade de Brasília, Brasília.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz (Org.). **Diversidade Sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas**. – Brasília: Ministério da 215 Educação, Secretaria de Educação, Continuada, Alfabetização e Diversidade, UNESCO, 2009.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Uma perspectiva pós estruturalista  
Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado: pedagogias da sexualidade / Guacira Lopes Louro  
(organizadora); tradução dos artigos: Tomaz Tadeu da Silva – 3. Ed. – Belo Horizonte: Autêntica  
Editora, 2000.

MEYER, D. E.E. Gênero e educação: teoria e política. In Corpo, Gênero e Sexualidade. 2 ed.  
Petrópolis: Vozes, 2010.

PAIVA, Pedro Henrique Azevedo da Silva. **Arco-Íris no campo: Etnografia da  
“Homossexualidade” masculina no ambiente rural.** Revista Caderno de Gênero e Diversidade-  
Volume 1 ed. Paraíba, 2015

**Resolução dos parâmetros para garantia das condições de permanência para travestis e  
transexuais nas escolas/universidades.** Disponível em: <[www.sdh.gov.br](http://www.sdh.gov.br)>. Acesso em:  
14/12/2016.

**Rede Nacional de Pessoas Trans – REDE TRANS.** Disponível em:  
<[redetransbrasil.org/index.html](http://redetransbrasil.org/index.html)>. Acesso em 14/12/2016.

SCOTT, Joan Wallach. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. Educação & Realidade.  
Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

WANDERLEY, Maria de N. Jovens rurais de pequenos municípios de Pernambuco: que sonhos  
para o futuro. In: CARNEIRO, Maria; CASTRO, Elisa (Orgs.). Juventude rural em perspectiva. Rio  
de Janeiro: Mauad X, 2007.